

SANT'ANA: MUDANÇAS E NOVOS SIGNIFICADOS NA MAIOR FESTA RELIGIOSA DA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR (1930 -1965)

**SANT'ANA: CHANGES AND NEW MEANINGS IN THE LARGEST RELIGIOUS FESTIVAL
CITY OF PONTA GROSSA - PR (1930 -1965)**

Denise Pereira¹

Constantino R. de Oliveira Jr.²

Resumo: O artigo analisa as mudanças socioculturais da Festa de Sant'Ana, na cidade de Ponta Grossa – PR, esta que permeava toda a sociedade local e era comemorada desde a primeira metade do século XIX. Trabalhamos com o período 1930-1965, este foi marcado por algumas formas de mudanças no chamado catolicismo tradicional, de herança portuguesa, que aos poucos foi substituído pelo catolicismo romanizado. Analisamos como a Igreja, através de seu prelado, reagiu à festa popular e, simultaneamente compreendemos a representação simbólica dessa prática cultural no campo religioso. Deste modo, procuramos através dos artigos do Diário dos Campos, jornal local, de um lado demonstrar algumas formas de continuidades e mudanças do catolicismo popular, por outro lado, buscamos mostrar as estratégias de controle e tolerância exercidas pela Igreja.

Palavras-chaves: festa, catolicismo popular, romanização.

Abstract: The article examines the cultural changes of the Feast of St. Anne in the city of Ponta Grossa - PR, is that permeated the entire local society and was celebrated from the first half of the nineteenth century. We work with the period 1930-1965, this was marked by some form of changes in so-called traditional Catholicism, the Portuguese heritage, which has gradually been replaced by Catholicism Romanized. We analyze how the Church through its bishop, responded to popular party and simultaneously understand the symbolic representation of cultural practice in the religious. Thus, we search through the articles of the Journal of fields, local newspaper, on the other hand show some forms of continuity and change of popular Catholicism, on the other hand, we seek to show the control strategies and tolerance exercised by the Church.

¹ Bacharel, Especialista em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e Mestranda em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) / Brasil.

² Docente do Departamento de Educação Física e do Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Coordenador do Grupo de Estudos Esporte, Lazer e Sociedade.

Key-words: fest, popular Catholicism, Romanization.

A cidade de Ponta Grossa obteve na década de 1930 um grande marco pelo forte crescimento populacional e pelas transformações urbanísticas. E no viés da religiosidade também ocorreram transformações, pois Ponta Grossa passou a ser Sede da nova Diocese do Paraná, pela Bula *Quum in dies numerus*, do Papa Pio XI, provida com a chegada de Dom Antônio Mazzarotto de formação romanizadora. A criação de novas dioceses eram um dos objetivos da romanização.

O processo de romanização no Brasil, que começou no século XIX e se afirmou no XX, tinha como principal meta substituir o catolicismo popular. De herança portuguesa, com forte devoção aos santos, crença em milagres, romarias, festas com manifestações que se aproximavam das pagãs, com exageros de bebidas e comidas, procissões, cantorias, enfeites e bailes. E fazer com que as crenças e as práticas religiosas se moldassem à fé católica apostólica e romana (OLIVEIRA, 1976:131).

Nesta conjuntura, a cidade de Ponta Grossa sede da nova Diocese do Estado do Paraná, realizava a maior celebração religiosa da região, a festa de sua padroeira – Sant’Ana, engendrada no catolicismo popular, envolvia grande parte da sociedade local, comemorada desde a primeira metade do século XIX e considerada a maior celebração religiosa da região.

Deu-se o encontro de uma festa do catolicismo popular e um bispo romanizador, que não aprovava estes rituais profanos e deixava sua postura muito clara nos sermões e nas Cartas Pastorais. As pastorais eram uma das maneiras do prelado comunicar-se com a comunidade, pois normalmente eram lidas pelos sacerdotes nas igrejas após a missa.

O prelado tinha a missão de evangelizar e também, devido à sua formação, não aceitar os rituais profanos da Festa de Sant’Ana. Ao mesmo tempo compreendeu que a mesma era conhecida e reconhecida pelo ponta-grossense; isto fez com que ele fizesse progressivamente algumas mudanças, para cristalizar a romanização.

A partir desses pressupostos buscamos, entre várias ações, analisar como o prelado reagiu e interferiu na festa popular investigar se a Festa de Santa’Ana foi um espaço/tempo privilegiado para a romanização; identificar as ações, estratégias e tolerâncias do prelado, para assim romanizar a população ponta-grossense através dessa festa do catolicismo popular. E neste artigo preconizamos a parte social, que por ele era compreendida como parte profana.

A festa de Sant’Ana teve uma grande importância sociocultural, fez parte da cultura ponta-grossense por muitas décadas. Certeau considera que toda atividade humana pode ser cultura, mas ela não o é necessariamente ou, não é forçosamente reconhecida como tal,

pois, *“para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”* (1994: 142).

Significados não faltavam, além de ser *“de grande sensibilidade para o sentimento religioso”* (Diário dos Campos, 26/07/1956), eram momentos propícios para saírem da rotina e viverem o lúdico, nas palavras de Durkheim (1989) viver uma *“recreação coletiva”*.

Era intercalada por rituais sagrados, aqueles celebrados dentro da igreja, como: as missas solenes, as novenas, as pregações; e os rituais profanos, realizados nas ruas e praça como: os bailes, cavalhadas, torneios de futebol, procissões, cantores e músicos, leilões, barraquinhas e fogos de artifício, entre muitas outras.

De acordo com Durkheim, os conceitos de sagrado e profano embora possam ser diferenciados, o primeiro como ritual representativo e o segundo como recreações coletivas, estão muito próximos, pois toda festa precisa de *“elementos recreativos”* para atingir uma *“efervescência”* e reavivar os laços sociais dos participantes e os rituais seriam uma forma de *“energia”* que reabasteceria a população (1989:452-456).

Souza (2005:348) afirma, as festas populares são caracterizadas pela imbricação entre o sagrado e o profano, cujo entendimento implica considerá-los em conjunto. Esse embricamento é visível no período de nossa baliza, tanto que, nos dias do novenário após cada novena – *“Parte religiosa”* encaminhava-se para a *“Parte Social”*, com diversões na praça defronte a Igreja. Era desse modo que se iniciava a parte social,

[...] se iniciará após a efetivação da primeira novena, quando nos jardins da Catedral, será abrilhantadas pela excelente banda Lira dos Campos, funcionarão as barraquinhas com leilões, quermesses, arrematação de prendas, pescaria maravilhosa etc (Diário dos Campos, 14/07/1944).

As festividades seguiam nos demais dias, a praça recebia maior iluminação, serviço de alto-falantes, e a população era animada pelas bandas Lira dos Campos e do 13º RI (Regimento de Infantaria), que tocavam no coreto.

Ao som musical a população circulava pelas barraquinhas, repletas de guloseimas arrecadadas pelas comissões. Até mesmo a sofisticação dos pratos, nas finas porcelanas e pratarias oferecidos, podem ser interpretados como uma competição de poder entre as senhoras, que ostentavam o luxo e legitimavam a posição na sociedade. Os brindes dos jogos também eram doações.

Dom Antonio, porém não aceitava e dizia: *“lamentamos e reprovamos os abusos com que nas igrejas se profanam as solemnidades religiosas (...) divertimentos mundanos ao lado da capella fazendo parte da festividade religiosa”* (CARTA PASTORAL, 1941: 07).

Na praça ocorria também à queima de fogos, o estampido, o barulho e o brilho transformavam a natureza, por alguns minutos iluminavam a escuridão da noite,

As 22 horas, terá início a imponente festa pirotécnica, na praça da Catedral, com queima de fogos artificiais, destacando-se os seguintes: Cascata das

Sete Quedas – Bonecos Ciclista – Roda Pistola – Girândola de Corôa – Painel de Sant'Ana. (Diário dos Campos, 26/07/1949).

Para as populações menos abastadas o espetáculo pirotécnico permitia a sensação ilusória de entrelaçamento e solidariedade entre os pobres e os ricos, afinal esse era um dos poucos momentos em que, juntos presenciavam e participavam de um evento.

O bispo se fazia contrário, afirmando: *“religião não consiste em luzes artificiais. Não faz parte da vida chistã, solemnidades religiosas com foguetório em espectáculos”* (CARTA PASTORAL, 1931:12).

Outro evento que acontecia para a população menos abastada, eram as corridas rústicas e de motocicletas, os vencedores recebiam os prêmios em troféus e/ou dinheiro. Havia um grande interesse, *“acham-se inscritos diversos corredores, em numero superior a 150 o que hera demonstra o ideseritivel interesse que domina a cidade”* (Diário dos Campos, 23/07/1947).

Uma das atividades com participação de todos eram as procissões, que variavam entre 15h, 16h, 17h, 18h30'. O cortejo percorria as principais ruas ao redor da catedral, as comissões pediam para que todos os católicos residentes nas ruas por onde passasse a procissão, que ornamentassem as fachadas de suas casas.

Esses cortejos contavam com a presença de muitos fiéis, observa-se o crescimento do ano de 1944 com 8 mil pessoas, para o ano de 1952 com 20 mil pessoas. As procissões eram marcadas por fogos de artifícios na saída e na chegada, e mais uma vez o bispo demonstrou sua contrariedade: *“religião não consiste em passeatas, que chamam de procissão, acompanhadas de ruidoso foguetório”* (CARTA PASTORAL, 1931:08).

As atividades dos espaços particulares, clubes, cinemas, teatros, estádios e jôquei, eram para as famílias abastadas um lugar de integração, segundo Davis assim exprimiam com marcante intensidade as suas dimensões dos papéis sociais (1990:87). Eram momentos propícios para a prática e representações culturais, que se expressavam em rituais, musicalidade, o sentir, o agir, maneiras de vestir, a moda, na etiqueta, nos comportamentos, na ideologia da classe dominante, em seus requintados simbolismos, carregados de valores hierárquicos.

Os bailes nos clubes eram ponto culminante para o luxo ponta-grossense, a elegância era requisito da própria entrada para o baile,

[...] noitada de elegância promete constituir-se em um acontecimento de notável expressão no mundanismo local, pois a ele se pretende dar um cunho de maxima pompa (...) para o mesmo será exigido o traje a rigor, não sendo permitida a entrada no Clube de pessoas que não estiverem trajadas de acordo com as recomendações feitas (...) para evitar dissabores na portaria, as diretorias comunicam que somente será permitida a entrada as pessoas que se apresentarem trajadas a rigor, sendo que, para cavalheiros, será tolerado o linho branco (Diário dos Campos, 16/07/1959).

As mulheres preparavam seus vestidos requintados, esse luxo não era bem visto por Dom Antonio, *“o lucro de longos dias de trabalho lá se vai nas modas e no luxo da mulheres em vestidos finos”* (CARTA PASTORAL, 1948:09). O requinte não estava apenas nas roupas, também na presença de grandes nomes da música brasileira da época que vinham a Ponta Grossa pra cantarem durante os bailes, tais como: Luiz Gonzaga, Francisco Alves, Linda Batista e Ruy Rey.

Os clubes além de proporcionarem os bailes, também faziam chás dançantes e festivais artístico, também aconteciam nas sedes *“grande churrascada, regada a bebida e com dansas ao ar livre”* (Diário dos Campos, 12/07/1941).

Os festivais litero-musicais eram realizados no teatro Éden de propriedade do Sr. Pascoalino Provisiero, que *“poz o seu amplo teatro à disposição dos promotores da grandiosa festa para que nele fosse realizado um festival, todas as despesas por sua própria conta, a renda que reverteria em benefício da Festa”* (Diário dos Campos, 10/07/1940).

Os cinemas também contribuíram para as festividades *“Cine Império oferecerá, no próximo domingo, em duas sessões, às 19 e 21 horas, um espetáculo dedicado ao mundo católico de Ponta Grossa, com a projeção do filme “Maria Madalena”* (Diário dos Campos, 15/07/1950).

No jôquei aconteceram tanto as cavalhadas como festas campestres com diversas atrações, *“haverá no hipódromo de Uvaranas, linda e atraente festa campestre, com a banda do 13º RI, com sorteio de brindes, um bem montado restaurante e um mundo de surpresas”* (Diário dos Campos, 06/07/1938).

A Liga Ponta-Grossense de Futebol proporcionaram festivais esportivos, que ganhou várias manchetes, *“O Magnífico Festival Futebolístico de Domingo no campo do Guarani em benefício da festa de Sant’Ana”* (Diário dos Campos, 13/07/1939), *“Intensa a expectativa em torno do magnífico festival em benefício da festa de Sant’Ana”* (Diário dos Campos, 20/07/1939), vários times disputaram o campeonato, teve partida até mesmo do clássico ponta-grossense Operário x Guarani.

Até mesmo empresários da agro-industria da cidade e região, criaram a “Exposição Agro-Industrial”, para expor seus produtos e ao mesmo tempo proporcionar momentos de lazer as pessoas que ali passavam, pois haviam musicas, barraquinhas com comidas e bebidas.

O jornal sintetiza esse valor dos divertimentos em comemoração a padroeira para a cidade

*A delicadeza e a fé das comemorações religiosas manifesta-se de forma particular em nossa cidade neste julho de evocações, quando as festividades da padroeira **constituem o principal motivo da vida cidadina.***

Nossa Senhora de Sant'Ana é uma data tradicional na vida pontagrossense. Suas festas constituem, mesmo, as mais solenes e mais entusiásticas de todas as que aqui têm lugar durante o período anual (...) a que toda a cidade assiste contrita e devotamente.

Hoje, finalmente, chegou o 26 de julho, a cidade comemora a festa de Sant'Ana.

Essa festa – que perdeu parte do seu caráter de festa religiosa para se tornar festa da cidade – atinge, assim, ao seu apogeu. [sem grifo no original] (Diário dos Campos, 26/07/1939).

Na concepção romanizadora/reformadora de Dom Antonio era inaceitável que uma festa pertencente à igreja se tornasse da “sociedade”, pois

[...] a igreja é aquela miystica arca de Noé que singra as aguas da iniquidade do presente seculo, procurando salvar a todos e salvando os que acceitam navegar nella, emquanto que a sociedade cega e corrupta do mundo padecerá horrendo naufragio, e será devorada pelas negras ondas revoltas do erro e do vicio (CARTA PASTORAL, 1933:10).

Esses erros e vícios para ele estavam voltados a todos os atrativos da festa, pois esses rituais profanos eram ameaças; assim lutou pela legitimação do campo religioso, fez valer seu poder estabelecido e justificado. Para isso exortou que era necessário “*privarmos de tudo o que é pecaminoso ou que nos pode induzir ao pecado, pois devemos não só evitar a culpa, senão também o perigo de cair nela*” (CARTA PASTORAL, 1944:09). Determinou: “*lamentamos e reprovamos, divertimentos mundanos ao lado da capella fazendo parte da festividade religiosa, são rigorosamente proibidos*” (CARTA PASTORAL, 1941:07).

Sua intenção era salvar seus diocesanos do lodo dos prazeres, para conduzi-los ao Reino de Deus, através do Evangelho. Suas práticas, no entanto, precisaram ser repletas de estratégias, a festa além de ter uma importância para a sociedade era fundamental para a Igreja.

As festas religiosas no Brasil tiveram uma grandiosa importância econômica após a Proclamação da República. A autonomia eclesiástica no país, com a separação Igreja-Estado trouxe preocupações, uma vez que a instituição perdera o apoio financeiro daquele, deste modo foram às festas religiosas que muitas vezes sustentaram as igrejas.

Na cidade de Ponta Grossa, foi através da festa de Sant'Ana, principalmente dos atrativos que a Igreja obteve o seu sustento por muito anos, o jornal mesmo explicava a população o destino desse dinheiro: “*Alias, cabe-nos explicar ao publico que todo o donativo em dinheiro, que vêm sendo arrecadado, se destina a nossa Catedral*” (Diário dos Campos, 10/07/1940).

O dinheiro coletado das festividades de Sant'Ana no decorrer dos anos, foram aplicadas em: reforma da Igreja, novo piso e teto, construção de torres, capela do Santíssimo, compra de órgão e pia batismal, entre as demais finalidades rotineiras, que mantinham a igreja durante o ano todo.

As comissões exaltavam os pedidos para as participações na festa, nas diversas atividades que eram realizadas pelos patrocinadores, o dinheiro era revertido para a Igreja, “*não devemos de esquecer de contribuir, para a breve construção³ da majestosa igreja que será de todos os pontagrossenses*” (Diário dos Campos, 18/07/1942).

Dom Antonio mesmo devido à formação romanizadora de não aceitar os rituais profanos de Sant’Ana e a compreensão que a mesma era conhecida e reconhecida pela sociedade, não tinha como negar que essa festa devido a dimensão sociocultural, era o sustento da igreja.

Porém não deixou de demonstrar a contrariedade,

[...] quantos divertimentos desbragados profanam (...) Quantas diversões peccaminosas! Quantos encontros lúbricos! Quantos bailes que são saturnaes de licenciosidade! Quantos excessos na bebida! Quantos conflitos, por vezes, sangrentos! Numa palavra, nesses dias que Ihe são consagrados, é Deus, por uma paradoxal irrisão (CARTA PASTORAL, 1944:06).

Também não deixou criar estratégias para que a igreja obtivesse o seu sustento sem a necessidade desses divertimentos. Essas estratégias na perspectiva de Certeau, foram um processo de subversão, expresso não apenas pela rejeição direta ou modificação das normas vigentes, pois Dom Antonio aderiu às estratégias para “*usá-las para fins e em função de referências estranhos ao sistema do qual não podiam fugir*” (CERTEAU, 1994:39).

Isso demonstra o poder de criar procedimentos que jogassem com os mecanismos da prática vigente para que não se conformassem com os divertimentos e, ao mesmo tempo alterá-los. Assim, o prelado se transformou no precursor do renascimento do dizimo na Diocese, através da doutrinação na Carta Pastoral de 1948.

Precursor porque, no Brasil o dizimo voltou a ser implantado, através da CNBB após 1969, quando o sistema de pagamento de taxas pelos serviços prestados pela Igreja haviam sido consideradas “*pastoralmente inadequadas*”. Assim o dizimo retornou, mas sem a estipulação de porcentagem da renda dos adeptos, e sim uma doação de compromisso de acordo com a sua possibilidade e disposição, uma proposta de participação do fiel na Igreja. Todavia, a maioria das paróquias não possuía esta prática implementada, tanto que no livro Tombo da Paróquia Sant’Ana, encontramos algo sobre o dizimo apenas no começo da década de 1970.

Dois pontos foram de grande valia para Dom Antonio na doutrinação sobre o dizimo, na referida Carta Pastoral. Primeiramente toda sua base doutrinária era voltada ao Evangelho, e o dizimo é bíblico; segundo, foram os subsídios do Primeiro Concílio Plenário Brasileiro de 1939 que traziam uma nova ordem econômica, social e política sob a ótica dos princípios cristãos definidos pela Igreja. Visava reconduzir a sociedade aos valores morais e

³ O que se refere à construção, é a reforma da Igreja, que havia sido construída em 1906 e precisava de grandes reformas, durou certa de quinze anos, em 1953 foi reinaugurada a Igreja de Sant’Ana.

culturais do cristianismo católico e estabelecer o “Reino Social de Jesus Cristo” – ideal que orientou o pontificado de Pio XI e que, em terras brasileiras, teve como principal articulador o cardeal Dom Sebastião Leme.

O prelado com todos esses respaldos começou a doutrinação sobre o dizimo e explicou:

*Desejamos, diocesanos muitos amados, que considereis atentamente a amizade que conquistamos entre os Santos de Deus, entre os santos de Deus, mediante as dádivas **destinadas à construção e conservação das igrejas** que lhes são dedicadas e **ao culto que lhes prestamos** (...) todos **são obrigados a contribuir com suas esmolas**, tanto para a **manutenção** dos Ministros do Altar, como para as **despesas** do culto sagrado e para a **construção dos templos** necessário para exercê-lo [sem grifo no original] (CARTA PASTORAL, 1948: 46-47).*

Assim, a população teria a obrigação de ajudar financeiramente as necessidades da Igreja, não mais com intenções particulares, mas sim um doar pura e simplesmente para Deus, “há de ser feita com a reta intenção de agradar a Deus e não por interesse, vaidade, inclinação natural ou outros fins humanos” (CARTA PASTORAL, 1948:28).

Isso implicou “maneiras de jogar”, de desfazer o jogo dos participantes da festa, o espaço constituído por estes, ao caracterizar uma atividade sutil, tenaz e resistente do grupo que tem que se desembaraçar de uma rede de forças e representações estabelecidas (CERTEAU, 1994). Ao mesmo tempo em que a população participava dos atrativos e colaboravam com a igreja, na visão do prelado não faziam uma pura doação, mas estava ligada aos “erros, vícios e prazeres proibidos.”

As estratégias discursivas de Dom Antonio, e em especial os efeitos retóricos que tinham a intenção de produzir uma fachada de objetividade, dependiam das relações de força simbólicas entre os campos e dos trunfos que a pertença a esses campos conferiam aos diferentes participantes. Em outras palavras, dependeriam dos interesses específicos e dos trunfos diferenciais que, nessa situação particular de luta simbólica pelo veredito neutro, eram garantidos pela posição nos sistemas de relação invisíveis que se estabelecem entre os diferentes campos em que eles participavam.

Essa luta simbólica que o bispo objetivava vencer foi lenta e progressiva, pois as maiores alterações para transformar a festa nos moldes do catolicismo romanizado, ocorreram apenas no final da década de 1950. Como consta no Livro Tombo, a partir do ano de 1959, “não houve mais aquela lista de festeis nos programas, não houve mais barraquinhas na praça”.

No ano de 1962, uma surpresa: a festa, como consta no Livro Tombo, foi comemorada em setembro, mês do aniversário da cidade e não em julho, mês de Sant’Ana. Já no ano de 1963, a festa foi dividida em duas partes, uma comemorada em julho, a outra em setembro; ocorre igualmente ao ano anterior, não encontramos o “por que”.

Não constam os detalhes sobre esse acontecimento, também não encontramos indícios nos periódicos locais, pois os únicos jornais impressos da cidade nesse período eram o Diário dos Campos e Jornal da Manhã, sendo que os anos de 1958 a 1963, não existem catalogados em acervos que possuem a salvaguarda desses periódicos, tanto na Casa da Memória como no Museu Campos Gerais. Desde modo, única notícia que tivemos desses anos foram através de panfletos da propaganda da festa e no Livro Tombo paroquial, que traz poucas informações. Aventamos a possibilidade de que essas notícias estariam registradas no suposto “Livro Festa”, pois em muitas páginas do Livro Tombo aparecem no rodapé, que melhores informações seriam encontradas naquele que, ao que parece, perdeu-se.

Talvez essas lacunas pudessem ser preenchidas com a análise dos dados dos periódicos e/ou do Livro Festa, assim é plausível dizermos que há possibilidades de também ter ocorrido além de interferências do bispo, alterações sócio-culturais como forma do que Certeau (1994) chama de “táticas” por parte da população, que seria um procedimento de subversão, para transformar os procedimentos que controlavam as práticas, que foram as “estratégias”, de Dom Antonio, principalmente devido ao rompimento das festividades ao lado da Catedral e do programa dos festejos, a partir de 1959.

Quando temos o retorno dos periódicos em 1964, não encontramos muitas coisas, entretanto existe uma queda do número de noticiários, os poucos que apareciam eram textos curtos e não mais aqueles longos de primeira página.

As transformações aconteceram a partir das relações estabelecidas pela própria Igreja entre Bispo – padre – fiel, que se expressam na dimensão denominada por Oliveira como “*autoridade e obediência*” (OLIVEIRA, 1973:53). Deste modo, o bispo, que é o maior representante da Igreja na diocese, tem autoridade sobre o padre, e esse sobre os fiéis. Conseqüentemente a autoridade se exerce na obediência, que o fiel tem com o padre e esse com o bispo.

A meta do bispo era controlar, dominar e deter as práticas profanas do catolicismo popular e adaptar a devoção ponta-grossense aos “novos tempos”. Deste modo, fez uso do que Chartier (2001) denomina de “*aculturação*”, pois o termo pode ser definido como a imposição de um novo sistema de representação que deve anular e fazer desaparecer crenças e condutas antigas. Assim, tais mudanças fizeram com que a festa ganhasse um novo significado.

REFERENCIAS E FONTES:

CARTA PASTORAL. Dom Antônio Mazzarotto. **Arca de Salvação**. Curitiba: Oficinas Graphics da “A Cruzada”, 1933.

- CARTA PASTORAL. Dom Antônio Mazzarotto. **Doutrina cristã**. Curitiba: Oficinas Graphics da “A Cruzada”, 1931.
- CARTA PASTORAL. Dom Antônio Mazzarotto. **Males gravíssimos**. Curitiba: Oficinas Graphics da “A Cruzada”, 1941.
- CARTA PASTORAL. Dom Antônio Mazzarotto. **Morrer para viver**. Curitiba: Oficinas Graphics da “A Cruzada”, 1944.
- CARTA PASTORAL. Dom Antônio Mazzarotto. **O supérfluo aos pobres**. Curitiba: Oficinas Graphics da “A Cruzada”, 1948.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- _____. **Cultura Escrita, Literatura e História: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da Viga Religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- Jornal **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 11 de julho de 1938.
- Jornal **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 13 de julho de 1939.
- Jornal **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 20 de julho de 1939.
- Jornal **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 10 de julho de 1940
- Jornal **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 12 de julho de 1941
- Jornal **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 18 de julho de 1942
- Jornal **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 14 de julho de 1944.
- Jornal **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 23 de julho de 1947
- Jornal **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 26 de julho de 1949.
- Jornal **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 26 de julho de 1956
- Jornal **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 15 de julho de 1950.
- Livro Tombo n.º 03**, Paróquia Sant’Ana de Ponta Grossa.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **Autoridade e Participação**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- _____. Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, v. 36, fasc. 141, p.p. 131-141, março de 1976.
- _____. **Religião e Dominação de Classe** – Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985
- PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SOUZA, João Carlos de. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n. 48, pp. 331-351, 2005.

Recebido em setembro de 2009
Aprovado em novembro de 2009